

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância

João Paulo BALISCEI¹

Bruna dos Santos BRASIL²

Resumo

Roupas, filmes, desenhos animados, materiais escolares, brinquedos e outros artefatos da cultura visual indicam, aos meninos e meninas, maneiras específicas de experimentarem suas identidades e vivências. Neste artigo, temos como objetivo debater sobre artefatos da cultura visual relacionados às infâncias, investigando o que eles sugerem em relação à construção de masculinidades e feminilidades. Para tanto, utilizamo-nos de uma abordagem qualitativa e uma pesquisa bibliográfica, dividida em dois tópicos. No primeiro, refletimos sobre as identidades infantis e as práticas culturais que se articulam, ao redor delas, distinguindo-as e constituindo-as a partir do gênero. Demos ênfase às práticas de Chá de Revelação para exemplificar a artificialidade com a qual, desde a cultura e as visualidades, produzem-se masculinidades e feminilidades. No segundo, o foco de análise fora conduzido aos brinquedos, percebendo-os como artefatos cujos significados ofertam referências aos meninos e meninas para que percebam, dentre outras coisas, o que é adequado ou não ao seu gênero.

Palavras-chave: Educação. Imagens. Crianças. Sexualidade

¹ Doutor em Educação (2018) pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Maringá - UEM com estudos na Facultad de Bellas Artes/ Universitat de Barcelona, Espanha. É professor no curso de Artes Visuais na UEM; Coordenador do Curso de Artes Visuais na UEM; Coordenador do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens - ARTEI. É, também, artista visual com produções que versam sobre gênero e infâncias, dentre as quais se destaca a exposição individual "Saber de Cor: existências outras para além do azul e rosa", na Galeria Benedito Nunes, Belém - PA (2022). jpbaliscei@uem.br. <http://orcid.org/0000-0001-8752-244X>

² Graduada pelo Curso de Pedagogia da Universidade Estadual de Maringá – UEM (2023) e integrante do Grupo de Pesquisa em Arte, Educação e Imagens – ARTEI. Participou do Programa de Educação Tutorial de Pedagogia (PET Pedagogia- UEM). ra111712@uem.br. <https://orcid.org/0009-0006-2193-1367>

“Toys have no gender”: Visual Culture and the visual construction of masculinities and femininities since the childhood

João Paulo BALISCEI

Bruna dos Santos BRASIL

Abstract

Clothing, movies, cartoons, school objects, toys, and other artifacts of visual culture indicate specific ways for children to experience their identities and experiences. In this article, we aim to discuss visual culture artifacts related to childhood, investigating what they suggest in relation with the construction of masculinities and femininities. To do this, we used a qualitative approach and a bibliographical research, divided into two themes. In the first, we reflected about children's identities and the cultural practices that are articulated around them, distinguishing them and constituting them based on gender. We emphasized the practices of Gender reveal party to exemplify the artificiality with which, from culture and visualities, masculinities and femininities are produced. In the second, the focus of analysis was on toys, perceiving them as artifacts whose meanings offer references to boys and girls so that they perceive, among other things, what is appropriate or not for their gender.

Keywords: Education. Images. Children. Sexuality.

“Juguetes no tienen género”: Cultura Visual y la construcción visual de masculinidades y feminidades desde la infancia

João Paulo BALISCEI

Bruna dos Santos BRASIL

Resumen

Ropas, películas, dibujos animados, útiles escolares, juguetes y otros artefactos de la cultura visual indican a los niños y niñas modos específicos de experimentar sus identidades y experiencias. En este artículo, nuestro objetivo es discutir sobre los artefactos de la cultura visual relacionados con la infancia, investigando lo que sugieren en relación a construcción de masculinidades y feminidades. Para ello, utilizamos un enfoque cualitativo y una investigación bibliográfica, dividida en dos temas. En el primero, reflexionamos sobre las identidades infantiles y las prácticas culturales que se articulan en torno a ellas, distinguiéndolas y constituyéndolas en función del género. Enfatizamos las prácticas de Fiestas de revelación de género para ejemplificar la artificialidad con la que, desde la cultura y visualidades, se producen masculinidades y feminidades. En el segundo, el foco de análisis se dirigió a los juguetes, percibiéndolos como artefactos cuyos significados ofrecen referencias a niños y niñas para que perciban, entre otras cosas, lo que es apropiado o no para su género.

Palabras clave: Educación. Imágenes. Niños. Sexualidad.

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância

Introdução

“A criança tem que ser livre para escolher a sua brincadeira.
Eu acho que brincadeira não tem que ter gênero”
(Luke Vidal, julho, 2022)

Em julho de 2022, a rede varejista de brinquedos Ri Happy³ acabou se envolvendo em uma polêmica, ao publicar, em suas redes sociais, o primeiro episódio da *websérie* denominada *Deixa brincar*. A série é apresentada pelo ator mineiro Ricardo Cubba, que já vinha produzindo alguns conteúdos para a marca com a personagem *Menina Mofo*. Tanto nas performances da personagem quanto na entrevista registrada na *websérie* em questão, Cubba sublinha a importância de permitir que as crianças se divirtam e que brinquem com o que desejarem. O episódio⁴ que causou revolta em muitas pessoas nas redes sociais se tratava do vídeo em que Cubba entrevista o cantor e influencer Luke Vidal⁵, quem compartilha, em suas redes sociais, a rotina de sua família.

No vídeo, ambos, Cubba e Vidal, estão em um cenário cujas características se remetem a programas do tipo *Talk Show*, e que traz certa noção de proximidade entre o entrevistador e o convidado. Durante o vídeo, os dois dialogam sobre as reações e interações de Vidal com os modos como seu filho brinca. O cantor e *influencer* afirma, então, que acredita ser importante que os pais, mãe e responsáveis compreendam que não devem escolher com o que as crianças brincam ou não, pois a criança deve, segundo ele, ser livre para escolher suas brincadeiras. Completou, ainda, dizendo que a brincadeira não deve ter gênero, e sim agregar para a vida da criança.

Depois da publicação do episódio nas redes sociais oficiais da Ri Happy, a marca sofreu acusações de tentar promover aquilo a que grupos específicos se referiam como “ideologia de

³ Ri Happy foi fundada no ano de 1988 pelo pediatra paulista Ricardo Sayon, sua esposa Juanita Sayon e pelo administrador de empresas Roberto Saba.

⁴ Diante de ataques advindos de grupos organizados e que se opuseram à ideia de que os “brinquedos não têm gênero”, a loja sofreu várias críticas e, por consequência, optou por apagar de suas redes sociais não só os comentários ofensivos, como também, por tirar o vídeo do ar. Apesar disso, ainda é possível localizar o vídeo na plataforma do *YouTube*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Ka7hVkJDMe4>. Acesso em: 5 out. de 2022.

⁵ Luke Vidal é um influenciador digital e cantor, referência de representatividade, sobretudo, entre pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Travestis, Queer, Intersexuais, Assexuais e outros - LGBTQIA+. A partir do título *O mundo de nós três*, Vidal compartilha suas vivências com seu marido Rafael Cesar e seu filho Kauan, de 6 anos. Instagram: @sigaluke. Canal no *Youtube*: <https://www.youtube.com/c/escuteluke/featured>.

gênero”⁶ e ainda, se opuseram à ideia de que os “brinquedos não têm gênero”, a loja sofreu várias críticas, em suas estruturas físicas e virtuais, e optou por apagar não só os comentários ofensivos de suas redes sociais, como também, por tirar o vídeo do ar.

Diante do vídeo em questão, pensamos que a criança, desde seu nascimento, relaciona-se com o mundo que está à sua volta e é também em sua experiência com as brincadeiras, com os brinquedos e com demais artefatos da cultura visual que essas conexões se ampliam. É nessas interações e jogos que ela se desenvolve, que estabelece ligações e que forma conhecimentos sobre si e sobre o mundo que a rodeia. A partir disso, as crianças encontram formas de compreender, dar significado e se apropriar da realidade que é apresentada a ela. Essa ação podemos chamar de brincar.

Através do brincar a criança estabelece múltiplas relações que possibilitam a constituição de seu modo de ser, pensar e agir no mundo e com o mundo, como afirmam Aliandra Cristina Mesomo Lira, Eliane Dominico, Maristela Aparecida Nunes e Marta Regina Furlan de Oliveira (2021). No texto *A sacralização do brincar e seus paradoxos: escola, indústria e consumo em suspeição*, as autoras argumentam que essas relações permitem o educar que resulta na “humanização” dos sujeitos e que esse processo se desenvolve na convivência com o outro. Para a criança pequena essas interações possibilitam o desenvolvimento da reflexão, autonomia, imaginação, fala e pensamento concreto, assim como a socialização, as quais ocorrem, especialmente, pelas brincadeiras. Como registram Lira, Dominico, Nunes e Oliveira (2021, p.74) referindo-se aos artefatos contemporâneos, “O brinquedo passou por profundas transformações, desde o material empregado em sua fabricação, suas características, modos de produção e consumo”.

O consumismo entre as crianças vem crescendo de tal forma que é possível perceber sua interferência até mesmo nas formas de brincar que vêm sendo oferecidas e valorizadas através das mídias. Podemos observar esse incentivo ao consumo em brinquedos que imitam caixas registradoras, máquinas de vendas com moeda, caixas eletrônicos, carrinhos de supermercado, máquinas de rolagem do tipo caça níqueis ou mesmo versões de jogos, como Banco Imobiliário⁷, que trazem, consigo,

⁶ Ideologia de gênero é um termo utilizado por grupos conservadores e cristões para se referir aos estudos de gênero. Os grupos utilizam o termo a fim de argumentar que os estudos de gênero fundamentariam uma “conspiração” que visaria destruir a “família tradicional” e a “ordem natural” heterossexual que, segundo argumentam, fundamentaria a sociedade.

⁷ Banco Imobiliário é um jogo de tabuleiro lançado pela empresa Brinquedos Estrela. É uma versão de um jogo internacionalmente conhecido como *Monopoly*.

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância máquinas de cartão. Acrescentamos, a esses exemplos, *Skins*⁸ que podem ser adquiridos em jogos virtuais por jogadores/as pagantes, além de brinquedos colecionáveis, como os carrinhos da marca *Hot Wheels*⁹ e suas pistas de corrida, bonecas da marca *Polly*¹⁰, que reúne personagens, animais, roupas, sapatos, meios de transporte, mobiliários, imóveis e outros acessórios, e mais recentemente, os *Funkos Pop*¹¹. Em comum, sob a justificativa da “coleção”, tais artefatos mobilizam não mais a compra de um único produto, mas de vários, ininterruptamente.

A população desfavorecida economicamente busca novas formas de consumo para tentar participar dessa prática cultural consumista, cujo processo de aquisição/compra/descarte, intensificado pelas mídias, cria a ideia de que os indivíduos devem consumir muito além das suas necessidades, contribuindo assim para o aumento da desigualdade de classes e gerando padronização de gostos, pensamentos, hábitos e valores. Marta Regina Furlan de Oliveira e Jaqueline Delgado Paschoal (2015) contribuem para essa discussão quando explicam acerca dos impactos da indústria cultural e do consumo na vida dos indivíduos, principalmente no caso das crianças, e no processo de adaptação aos padrões sociais que uniformizam comportamentos, desejos e ideais, conforme a mercadoria. As crianças, desde muito cedo, têm acesso a mídias que possibilitam contato a propagandas e outros artefatos da cultura visual que carregam significados explícitos e implícitos. No texto *A infância e a sociedade do consumo: indústria cultural e imaginário infantil*, as autoras destacam que a “[...] contemporaneidade tem-se caracterizado pelas relações de produção e consumo que permeiam as interações sociais e a própria formação do pensamento humano” (OLIVEIRA; PASCHOAL, 2015, p.7).

Em comerciais em canais televisivos, vídeos no *youtube* e outros artefatos da cultura visual é possível observar comerciais e divulgações disfarçadas que, além de induzir o consumo excessivo de

⁸ São acessórios usados em jogos virtuais para mudar e/ou variar o visual de um avatar ou personagem. Torna-se possível, a partir desse serviço pago, por exemplo, a troca de roupas, adesão de armas, meios de transporte e outros benefícios em relação aos jogadores/as não pagantes.

⁹ É uma marca de miniaturas de carros de brinquedo, inserida pela fabricante de brinquedos Mattel em 1968. A *Hot Wheels* é, atualmente, a maior marca de miniaturas de carros de brinquedo.

¹⁰ É uma franquia de brinquedos desenvolvida pela *Bluebird* desde 1989. Originalmente foi pensada como uma boneca pequena e portátil, mas com o passar dos anos a boneca ficou maior.

¹¹ A história da *Funko* começa em 1998, quando o estadunidense Mike Becker (1943--) fundou a pequena empresa que anos depois se tornou uma enorme obsessão para colecionadores e entusiastas da cultura *pop*.

determinado produto, trazem, em sua estrutura, representações de seu público-alvo, mostrando-o de forma estereotipada. A cultura visual construída através dos brinquedos e de outros artefatos cria padrões e legitima o que é belo e ideal aos corpos, além de balizar gostos, hábitos e valores. Desenhos animados, filmes, séries, cinema, publicidade e propaganda, embalagens de produtos, roupas, calçados, revistas, materiais escolares, redes sociais, *outdoors*, músicas, livros, jogos, ilustrações, brinquedos, eletrônicos, *reality show*, influenciadores/as digitais, horóscopo, vitrines de lojas e demais artefatos imagéticos são chamados, por Fernando Hernández (2007) de artefatos da cultura visual. Em *Catadores da cultura visual* (HERNÁNDEZ, 2007), o autor sublinha o caráter pedagógico desses artefatos que, de modo geral, atuam de modo a valorizar as formas hegemônicas de se ser – e pouco ou nada são problematizados pelos/as professores/as. Semelhantemente, Maria Emilia Sardelich (2006) em *Leitura de Imagem, Cultura Visual e prática educativa*, sinaliza a necessidade de os/as docentes se atentarem aos significados intrínsecos às imagens endereçadas as crianças, e de, desde a educação escolar, questionarem:

[...] as representações sociais de menina, menino, mulher, homem, família, criança, adolescente, adulto, velho, pobre, rico, preto, branco, professor/a, estudante, escola, entre tantas outras possíveis, nas imagens dos livros didáticos, dos cadernos, nas revistas, dos *outdoors*, dos videojogos, da televisão, dos cartões postais, dos brinquedos, das obras de arte etc. (SARDELICH, 2006, p. 468).

Diante de tais considerações, esse artigo tem como objetivo debater sobre artefatos da cultura visual relacionados às infâncias, investigando o que eles sugerem em relação à construção de masculinidades e feminilidades. Para tanto, utilizamo-nos de uma abordagem qualitativa e estruturamos uma pesquisa bibliográfica, conforme classificação indicada por Carlos Antônio Gil (2002) em *Como elaborar projetos de pesquisa*. O autor indica que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado constituído principalmente de livros e artigos científicos” (GIL, 2002, p. 44).

Estruturalmente, dividimos o desenvolvimento em dois tópicos, sendo que, no primeiro deles, refletimos sobre as identidades infantis e as práticas culturais que se articulam, ao redor delas, distinguindo-as e constituindo-as a partir do gênero. Demos ênfase às práticas de Chá de Revelação para exemplificar a artificialidade com a qual, desde a cultura e as visualidades, produzem-se masculinidades e feminilidades. No segundo, o foco de análise fora conduzido aos brinquedos,

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância percebendo-os como artefatos cujos significados ofertam referências aos meninos e meninas para que percebam, dentre outras coisas, o que é adequado ou não ao seu gênero.

Reflexões sobre a identidade infantil: azul e rosa e outras distinções generificadas

Destacamos que as questões de gênero não interessam e atravessam apenas as existências de sujeitos adultos, interferindo também nos modos como as infâncias são vivenciadas pelas crianças e percebidas pela comunidade como um todo. Desde o momento do nascimento ou até mesmo antes disso, meninos e meninas têm seus corpos lidos de maneiras generificadas. Significados visuais são atribuídos aos seus corpos desde o momento que é “revelada” sua diferença biológica, expressada pela identificação dos órgãos genitais. É a partir deles que serão feitas as primeiras distinções generificadas.

Sobre chás de revelação, Rodrigo Pedro Casteleira (2022) no capítulo denominado *Anunciamos, senhor(a), o vosso gênero*, articula sobre os corpos cujos desejos são contrários aos defendidos pelos homens colonizadores cristãos. Problematiza, ainda, a valorização que sociedades contemporâneas, capitalistas e patriarcais conferem à genitália masculina, indicando que essa não é uma máxima para e entre os corpos indígenas e negros. Referindo-se especificamente à prática de chás de revelação, o autor sinaliza que a falta de uma interpretação cautelosa das palavras “homem” e “mulher” cria expectativas sobre o corpo infantil que ainda está por vir. Antes mesmo do nascimento, o feto já tem um nome, um sexo, a perspectiva de uma sexualidade, um enxoval e vários brinquedos, todos, organizados a partir da “revelação” que anuncia se é um menino ou uma menina. Casteleira (2022, p.78) salienta, em relação à necessidade pela definição do gênero e da sexualidade alheia, que essa prática “[...] parece recorrente no âmbito colonial, primeiro utilizado para punir as práticas sexuais indígenas e pessoas negra e depois para anteciper as práticas sexuais, e de gênero, das crianças que ainda não nasceram”.

Isabela Daiane Pironi, Jean Pablo Guimarães Rossi e Eliane Rose Maio (2022) semelhantemente versam sobre gênero e sexualidade a partir das práticas de chá revelação, no texto denominado *Não importa o sexo, eu só quero que seja menino: Cisheteronormatização dos corpos em chá de revelação*. As autoras e autor elencam que o ato de descobrir o sexo biológico da criança se tornou um verdadeiro evento, apontando que, em vários países, essa prática vem crescendo e se

tornando uma tendência nas redes sociais. Pironi, Rossi e Maio (2022) indicam que através de eventos como esse, é possível observar a cristalização de práticas e discursos para a conservação das normas que regulam os gêneros das crianças pequenas, no sentido de vigiá-las para que elas se encaixem dentro da perspectiva que define o que é ser menino e menina.

As autoras e o autor examinam, ainda, três vídeos disponíveis na plataforma do *Youtube*, utilizando, para a busca, o descritor “chá de revelação”. No primeiro vídeo, o qual registra uma festa intitulada “Charraia #theo#aurora”, sinalizam uma alta produção, contando com profissionais contratados/as para captura audiovisual, além da revelação do sexo, que ocorre por meio de um helicóptero. Revelam-se, portanto, não só o sexo, como também a classe do sujeito que está por vir. Pironi, Rossi e Maio (2022) chamam a atenção para a expectativa que os/as convidados/as têm em relação ao sexo do feto, principalmente o pai e o avô, quem, em diversas cenas, sinalizam sua preferência para que a criança seja um “menino”. No segundo vídeo analisado, a descoberta ocorre por meio de um bolo com glacê azul e rosa, cuja cor do recheio indica o sexo da criança. Antes da revelação, o pai realiza um discurso aos/às convidados/as anunciando, conforme indicam as autoras e o autor “[...] que a criança seria ‘bem-vinda independente do sexo’” (PIRONI; ROSSI; MAIO, 2022, p. 41). Após partir o bolo e verificar que o recheio é azul, o pai desmaia. Porém, na continuidade do vídeo, a mãe lê uma carta a partir da qual revela que o bebê é do sexo feminino e que a revelação anterior se tratava de uma brincadeira. Nesse ponto, Pironi, Rossi e Maio (2022) elencam que é perceptível que há uma quebra e declínio das expectativas por parte do pai. O terceiro e último vídeo é descrito como uma produção caseira e que registra o momento quando o marido agitado dispara xingamentos à esposa e destrói os enfeites da festa.

Mas por que pais, mães, avós e familiares, no geral, têm a preferência para que as crianças sejam meninos e não meninas? É possível notar nessas performances descritas que as questões de gênero são acionadas a partir das expectativas sociais. As relações sociais em grande parte valorizam mais os corpos masculinos dos que os corpos femininos, e tais situações tendem a priorizar o desejo por ter um filho a ter uma filha, evidenciado pela emoção e entusiasmo nos gestos e discursos proferidos em eventos do tipo chás de revelação. Concordamos com as autoras e o autor, mais uma vez, quando sublinham que esse tipo de evento evidencia o reforço à cisheteronormatividade como algo natural da humanidade.

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância

Nessas festas, estão inclusos diversos estereótipos sobre papéis sociais a serem desempenhados por essas crianças, manifestados, desde a tenra idade, quando, por exemplo, ao menino são associados a cor azul e brinquedos que remetem ao campo público, como carrinho, bola e esportes, e à menina são atribuídos a cor rosa e brinquedos ligados ao privado, como casinha, bonecas e utensílios domésticos. (PIRONI; ROSSI; MAIO, 2022, p. 36)

Matheus Estevão Ferreira da Silva e Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo (2016) apontam, em seu texto *A introdução dos papéis de gênero na infância: brinquedo de menina e/ou de menino?*, que desde o nascimento o indivíduo é inserido em um grupo. Nesse grupo, o menino ou menina será submetido/a a processos de socialização, de modo que, no decorrer de sua vida exemplos positivos serão introduzidos em concordância com as normas estabelecidas, e exemplos negativos serão afastados e desencorajados, a fim de reprimir possíveis “desvios” de condutas. Com isso, conforme afirmam o autor e a autora, modelos de masculinidades e feminilidades “[...] vão sendo construídos gradativamente na família ou na escola, através de jogos, de brinquedos, da televisão [...]” e de outros artefatos (SILVA E BRABO, 2016, p.129).

Exemplo disso é o artefato *Bebê Surpresa*, da Estrela, um brinquedo que, conforme indicamos na Figura 1, tem como proposta trazer para a realidade da criança os rituais e procedimentos contidos nos chás de revelação. A criança recém-nascida, representada pela boneca, vem envolta por uma fralda, com os olhos ainda fechados e sem marcadores visíveis a respeito de seu gênero. Somente a cor de sua pele é perceptível. Na embalagem da boneca é sinalizado que, para se descobrir a cor dos olhos da criança, dentre as quatro opções cromáticas possíveis, é preciso apenas passar um algodão úmido sobre a região. Após a “descoberta” da cor dos olhos, a partir daí, os mesmos permanecem “abertos”. As informações contidas na embalagem do brinquedo indicam, ainda, que, ao remover a fralda que envolve o corpo do brinquedo, o/a consumidor/a descobre o sexo, entre as duas opções “feminino” e “masculino”.

Figura 01- Bebê Surpresa



Fonte: Imagem site Pinterest, disponível em: <https://pin.it/78OC8bU>.

Esse artefato não só reitera as percepções de Casteleira (2022) e Pironi, Rossi e Maio (2022) acerca do crescimento e popularidade da prática dos chá de revelação, como indica que essa manifestação fora transportada para o universo infantil, sendo, inclusive, transformada em brinquedo. Com isso, observamos que, interagindo com esse artefato, desde muito cedo, as crianças não só saberão e se importarão em identificar o gênero dele, concebendo-o como uma boneca ou um boneco, como poderão, a partir disso, elencar expectativas generificadas a respeito do nome, das habilidades, das brincadeiras, das profissões e dos jogos que poderão atribuir, ludicamente, ao brinquedo. Além disso, assim como os chás de revelação tradicionais, a embalagem do brinquedo propõe uma “surpresa” que é revelada a partir de cores específicas – rosa, se for menina e azul, se for menino. Nesse caso, as cores são reveladas na composição das roupas íntimas por debaixo da fralda que cobra parte do brinquedo.

Apesar disso, podemos elencar como algo positivo o fato de o brinquedo possibilitar que o/a comprador/a adquira um/a boneco/a sem saber a respeito do seu “sexo”. Com isso, talvez, meninas

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância possam ser presenteadas com bonecos e não apenas com bonecas. Nos comentários escritos nos sites das lojas que comercializam esse produto, encontramos muitas avaliações, a partir das quais consumidores/as relataram ser, esse, o primeiro boneco menino que suas filhas, sobrinhas ou netas receberam e que essas crianças reagem positivamente a isso. Percebemos, todavia, que não há, nesses mesmos sites, um único comentário acerca da reação de meninos, indicando, possivelmente, que esse é um brinquedo dado às meninas. A hipótese que formulamos para essa situação se relaciona aos valores patriarcais, a partir dos quais articula-se que meninos não devem manusear bonecas, ainda que sejam bonecos, pois isso supostamente feminilizaria e docilizaria seus corpos e comportamentos. Relaciona-se, também, à concepção de que cuidar dos filhos e filhas é papel das mulheres, portanto, meninas, desde muito cedo, devem se acostumar e se familiarizar com isso, a partir de seus brinquedos, bonecas e bonecos.

Em *“Boneca é coisa de menina”: a virilização e a docilização de meninos e de meninas no mundo de dois sexos*, encontramos provocações a respeito das vivências infantis que são naturalizadas pelas sociedades. Nele, Andréa Zíngara Miranda (2022) aborda a construção de dois “mundos” infantis: um para os meninos, e outro, para as meninas. No decorrer do texto, a autora, buscando perceber como o dispositivo da sexualidade promove saberes acerca do sexo e da sexualidade dos sujeitos, aponta como os acontecimentos históricos, as práticas sociais e a criação de hierarquias entre os sexos naturalizam um discurso que ora dociliza e ora viriliza a criança de acordo com o seu sexo biológico. A autora nos provoca a pensar que ambos, meninos e meninas, são vítimas das construções sociais que moldam as crianças de acordo com uma visão heterossexual compulsória. “Sob esse mirante, meninos e meninas são, desde muito cedo disciplinados para se comportarem de tal ou tal maneira segundo o seu sexo” (MIRANDA, 2022, p. 62). A autora, ainda, sinaliza que, historicamente, houve momentos específicos em que se edificaram a hierarquia entre os sexos. No campo da Educação, em especial, segundo explica, por volta do século XVIII, os estudos do filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) contribuíram para uma delimitação ainda mais rigorosa dos papéis sociais que meninos e meninas deviam exercer, inclusive nas escolas. Nas diretrizes propostas pelo filósofo, as mulheres e meninas tiveram seu estatuto de cidadãos negado e foram caracterizadas, biológica e moralmente, a partir de funções maternas e domésticas. Por isso, no âmbito educacional, elas deveriam ter seus corpos disciplinados, bem como seus sentimentos e desejos, para que seu caráter dócil, passivo e subserviente fosse preservado. Quantos aos homens e meninos, conforme a

filosofia pedagógica de Rousseau, tinham o dever de se envolverem com o trabalho - o que segundo as análises de Miranda (2022), era algo indispensável ao homem social, naquele contexto.

A autora afirma que, apesar de os estudo sobre as diferenças sexuais terem ganhado força por volta do século XIX, a ideia pré-concebidas de uma diferença de “essência” ainda permanece. Ideias como a de uma “mulher frágil”, “dócil” e naturalmente “passiva”, difundidas por Rousseau, caminham firmes atualmente, assim como ainda causa estranheza visualizar meninos brincando com bonecas ou meninas jogando bola. Miranda (2022, p. 68) indica que “Enquanto se classificar pessoas pela sua anatomia, desprezando sua sexualidade, a pergunta ‘é de menino ou de menina?’ permanecerá muito viva nas práticas discursivas sociais”.

É de menino ou de menina? Descobrindo o gênero do artefato

Para além das questões de classe, consumismo e das concepções acerca do que significa “ser criança”, os brinquedos, em muitos casos, também reproduzem e validam comportamentos tidos como especificamente “masculinos” e “femininos”. Essa foi a questão colocada em xeque por Ricardo Cubba e Luke Vidal na *websérie* associada à marca Ri Happy, como evidenciamos desde a epígrafe e a introdução deste artigo. A frase “brinquedos não têm gênero”, lançada e comentada por eles durante o vídeo vai de encontro às concepções que, desde o senso comum até as orientações dadas por profissionais da Educação, orientam, por exemplo, que meninos devem brincar de carrinho e que meninas devem brincar de casinha.

O caráter relacionado à infância e à ação de brincar, como demonstra a situação que apresentamos nesta introdução envolvendo a disputa pelos significados atribuídos aos brinquedos, assume novos moldes na sociedade contemporânea, juntamente com novas formas de comunicação, criação e divulgação, as quais, de modos sutis e com linguagem acessível às crianças, incentivam o consumo e auxiliam na constituição das subjetividades infantis. Por vezes, os brinquedos e demais artefatos endereçados às crianças, em suas formas, cores e visualidades remetem à padronização de comportamentos, desejos e ideias. No século XXI, quando, em algumas sociedades e culturas a criança vem se tornando foco de produções, divulgações e vendas de corporações específicas, os

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância brinquedos assumem sentidos que vão muito além do entretenimento. As bonecas do tipo *Barbie*¹², por exemplo, reiteram uma representação de “feminilidade” forjada a partir de uma matriz restrita do termo e são ícones de “perfeição”. Muito bem pensadas do ponto de vista da lógica consumista, acompanham acessórios e roupas que podem ser colecionáveis.

Em seus aspectos pedagógicos, tais artefatos podem possibilitar, sim, que a criança exteriorize seus sentimentos e que experimente a simulação e ensaio de situações do cotidiano e do irreal. Contudo, não pode passar despercebido o modo como os brinquedos contribuem para a construção das identidades infantis. É possível notar diferenças significativas de um mesmo brinquedo – uma boneca, por exemplo - quando reelaborado em versões “para meninos” e “para meninas”, separadamente. Supomos que as silhuetas, formatos, tamanhos, articulações, pesos e sobretudo as cores seriam diferentes quando comparadas essas duas versões de um mesmo brinquedo.

Os aspectos pedagógicos e generificado das cores fora abordado por nós em outra discussão (BALISCEI, 2021), na qual sublinhamos que a sistematização “azul para meninos e rosa para meninas” fora feita e consolidada em meados do século XX. Em *Não se nasce azul ou rosa, torna-se* (BALISCEI, 2021), sublinhamos que no século XX, em um contexto de acessibilidade de produtos, de práticas consumistas e de desenvolvimento de tecnologias que possibilitavam a identificação do sexo do/a bebê antes de seu nascimento, os brinquedos e as roupas foram protagonistas em distinguir – visual e cromaticamente – os meninos das meninas. Antes disso, como demonstra Jo Paoletti (2012), em *Pink and Blue*, meninos e meninas se relacionavam de outras formas com as cores. Após investigar em roupas, livros de bebê e bonecas de papel estadunidenses, a autora conclui que, no século XIX, a cor rosa era semelhantemente atribuída aos meninos e meninas. “Simplificando, a maioria dos bebês nascidos antes de 1960 provavelmente receberiam presentes rosa, independentemente do sexo” (PAOLETTI, 2012, p.92, tradução nossa)¹³.

Observamos, nesse ponto, que nem todos os brinquedos apresentam uma generificação em sua “construção”. Há, para além dos exemplos analisados por nós até aqui, outros brinquedos que se

¹² A boneca *Barbie* foi criada no ano de 1959, pela empresária estadunidense Ruth Handler (1916-2002) e é produzida pela empresa Mattel.

¹³ “Simply put, most babies born before 1960 were probably likely to receive pink gifts, regardless of their sex” (PAOLETTI, 2012, p.92).

BALISCEI; BRASIL.

caracterizam por estimular a exploração, possibilitando novas descobertas e exercitando a criatividade sem necessariamente indicar um gênero “correto” ao qual seriam destinados. São brinquedos que se preocupam com a criação, a ludicidade, o imaginário e a diversão que podem proporcionar às crianças, independentemente de serem meninas ou meninos. O jogo “Cara a Cara”, por exemplo, envolve dois/duas participantes e tem como objetivo “desvendar” o/a personagem escolhido/a pelo/a adversário/a. O jogo promove interações entre os/as jogadores/as, a organização, raciocínio lógico, criatividade, imaginação, visão, audição e estratégia. É um jogo que visualmente não caracteriza masculinidades e feminilidades, mas sim a habilidade que meninos e meninas podem desenvolver ao descobrir primeiro qual é o/a personagem do/a outro/a. Inclusive, conforme indica a embalagem do jogo, meninos e meninas podem jogar juntos.

Apesar de ser possível localizar manifestações midiáticas relacionadas a brinquedos que passam a ideia de que a possibilidade de meninos e meninas utilizarem o mesmo objeto, em suma, existe uma divisão tênue do que são brinquedos considerados como “de meninos” e outros, considerados “de meninas”. Essa divisão generificada sublinha as características que, socialmente, são atribuídas a cada gênero, isto é, masculinidades e feminilidades hegemônicas. Por masculinidades e feminilidades hegemônicas nos referimos a apropriação de valores em relação do que se espera de corpos masculinos e femininos em um padrão normativo de comportamento. Masculinidade hegemônica, assim, pode ser explicada como a legitimação da posição de dominância dos homens, socialmente, e de subordinação das mulheres. Essa normativa, como outras, acarreta a marginalização das diferentes formas de ser homem e mulher que fogem ou mesmo promovam desvios ao hegemônico. Aqueles e aquelas que se diferem ou se “desviam” dessas referências – homens com cabelos longos e unhas pintadas e mulheres com cabelos curtos, estilo “joãozinho” ou que não se depilam - podem ser considerados/as dissidentes.

Existem características do que se espera de cada gênero e regras sociais de como eles e elas devem se portar. As mulheres, supõem-se, são mais sensíveis, pacientes, emocionalmente frágeis, sentam-se com as pernas de determinada forma e têm menos pelos. Em contrapartida, propõem-se que os homens têm necessidade de controle emocional, são dominantes, autossuficientes, conquistadores e que falam de determinada forma. Essa divisão, contudo, não ocorre de forma natural. É preciso lembrar e evidenciar que ela é algo culturalmente criado e ensinado ao longo da vida. Enquanto as meninas são estimuladas a se comportar de maneira obediente e a participar de

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância brincadeiras e atividades que envolvam mais a afetividade do que a velocidade, por exemplo, os meninos participam de brincadeiras e atividades que envolvem o raciocínio lógico, a invenção e a exploração de espaços externos.

Conclusão

O brinquedo é mais que um objeto, já que oportuniza a criação e a modificação de significados e sentidos experimentados por parte de quem brinca. É um objeto que favorece a criatividade, a inventividade e a imaginação, e que, de modo geral, não comporta regras preestabelecidas, contendo, então, inúmeras formas de se brincar com o mesmo objeto. Esse artefato assume grandes responsabilidades, pois proporciona às crianças vivências de seu cotidiano e a criação e o desenvolvimento de sua própria personalidade, valores, ética, coordenação motora e, o mais importante, criatividade e imaginação.

A partir dos estudos e levantamentos estabelecidos na elaboração desta pesquisa, compreendemos que os artigos da cultura visual contribuem para a construção das subjetividades infantis. Através da manipulação dos artefatos as crianças fazem representação da realidade, traduzem conceitos, sentidos e significados que são atribuídos e internalizados por elas. Dessa forma, é possível afirmar que as maneiras pelas quais elas brincam com seus brinquedos contribuem com a formação de sua personalidade e com os modos através dos quais entenderão e agirão com e no mundo. É por meio desse processo que também se constroem as representações de infância, do que é belo, ideal e aceitável às crianças.

A isso, remetemos às pesquisadoras Tatiane Nascimento de Borba e Bianca Salazar Guizzo (2020), no texto *Representações de maternidade/paternidade em materiais didáticos contemporâneos: Um estudo a partir das questões de gênero*. Nele, as autoras apontam que as vivências infantis na manipulação de artefatos da cultura visual colaboram para a construção da subjetividade das crianças. Referindo-se aos sujeitos infantis, as autoras explicam que os artefatos da cultura visual “[...] possibilitam o estabelecimento de processos de significação que, combinam aos demais elementos culturais por eles vivenciados, colaboram para a constituição de seus modos de ser e de se comportar” (BORBA; GUIZZO, 2020, p.323). Portanto, a sensação ou ideia de norma é produzida, então, através de processos discursivos, culturais e visuais que são também pedagógicos. A norma, portanto, é ensinada.

Referências

BALISCEI, João Paulo. **Não se nasce azul ou rosa, torna-se:** Cultura Visual, Gênero e Infâncias. Salvador: Editora Devires, 2021.

BORBA, Tatiane Nascimento de; GUIZZO, Bianca Salazar. Representações de maternidade/paternidade em materiais didáticos contemporâneos: um estudo a partir das questões de gênero. **RECH. Revista de Ciências e Humanidades** – Cidadania, Diversidade e Bem Estar. vol. VI, n. 1, jan- jun, 2020, p. 322-340.

CASTELEIRA, Rodrigo Pedro. Anunciamos, senhor(a), o vosso gênero. *In:* BALISCEI, João Paulo (org.). **É de menina ou menino?** Imagens de gênero, sexualidade e educação. 1. ed. Curitiba: Editora Bagai, 2022. p. 71 – 79.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa.** 4 ed. São Paulo: Atlas, 2002. p. 44 - 45.

HERNÁNDEZ, Fernando. **Catadores da cultura visual:** transformando fragmentos em nova narrativa educacional. Tradução de Ana Duarte. Porto Alegre: Mediação, 2007.

LIRA, Aliandra Cristina Mesomo; DOMINICO, Eliane; NUNES, Maristela Aparecida; OLIVEIRA, Marta Regina Furlan. A sacralização dos brincar e seus paradoxos: escola, indústria e consumo em suspeição. **Cadernos Cajuína**, v.6, n.4, p.67-82, 2021. Disponível em:<http://dx.doi.org/10.52641/cadcaj.v6i4.528>. Acesso em: 4 de jul. 2021.

MIRANDA, Andréa Zíngara. “Boneca é coisa de menina”: a virilização e a docilização de meninos e de meninas no mundo de sois sexos. *In:* BALISCEI, João Paulo (org.). **É de menina ou menino?** Imagens de gênero, sexualidade e educação. 1. ed. Curitiba: Editora Bagai, 2022. p. 57- 70.

OLIVEIRA, Marta Regina Furlan de; PASCHOAL, Jaqueline Delgado. A infância e a sociedade do consumo: Indústria cultural e imaginário infantil. **Imagens da Educação**, v. 5, n. 1, p. 05-15, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/imagenseduc.v5i1.23531>. Acesso em: 4 de jul. 2021.

PAOLETTI, Jo. **Pink and Blue:** Telling the boys from the girls in America. Indiana University Press, 2012.

PIRONI, Isabela Daiane; ROSSI, Jean Pablo Guimarães; MAIO, Eliane Rose. “Não importa o sexo, eu só quero que seja menino”: cisheteronormatização dos corpos em chás de revelação. *In:* BALISCEI, João Paulo (org.). **É de menina ou menino?** Imagens de gênero, sexualidade e educação. 1. ed. Curitiba: Editora Bagai, 2022. p. 32 – 46.

“Brinquedos não têm gênero”: Cultura Visual e a construção visual de masculinidades e feminilidades desde a infância

SARDELICH, Maria Emilia. Leitura de imagens, Cultura Visual e prática educativa. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v.36, n.128, p. 451-472, maio/ago., 2006. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/cp/v36n128/v36n128a09.pdf>>. Acesso em 20 de ago. de 2022.

SILVA, Matheus Estevão Ferreira da Silva; BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino. A introdução dos papéis de gênero na infância: Brinquedo de menina e/ou de menino?. **Trama Interdisciplina**, São Paulo, v. 7, n.3, p. 127- 140, set./dez. 2016.



Os direitos de licenciamento utilizados pela revista Educação em Foco é a licença *Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International* (CC BY-NC-SA 4.0)

Recebido em: 14/11/2022

Aprovado em: 10/04/2023